

EADE

A INTUIÇÃO FENOMENOLÓGICA COMO MÉTODO DE CONHECIMENTO NO SÉCULO XX

Maria Alba Cincotto

A relação entre sujeito e objeto, seja ele real ou abstrato, resulta em apreensão do objeto segundo um juízo, arquivado em sua memória como conhecimento. À medida que o seu conhecimento evolui é natural que ele tenda para uma generalização, ou melhor, uma síntese desse conhecimento. No entanto, para o filósofo, cada etapa de conhecimento atingido não o satisfaz, sendo próprio do seu espírito inquieto a busca incessante de uma verdade, naquilo que ela pode trazer de universal.

Mas, desde que o homem se pergunta: "o que é o conhecimento?", "em que se fundamenta o conhecimento?", "como é possível o conhecimento?" nasce na filosofia da Idade Moderna a teoria do conhecimento, que se ocupa dos seus aspectos: descrição ou fenomenologia do conhecimento, possibilidades do conhecimento, fundamentos do conhecimento e formas possíveis do conhecimento [1, p. 119].

As formas possíveis de conhecimento envolvem diferentes métodos ou vias de se chegar à verdade, que podem ser divididos em dois: a) processos discursivos da razão, um desenvolvimento racional indutivo-dedutivo, segundo o qual as idéias vão se interligando progressivamente na construção de um todo, próprio da ciência; b) processos intuitivos. Enquanto no primeiro o processo de cognição é mediato, no segundo é imediato.

Quanto à intuição, a filosofia nos diz que a intuição sensível é o processo primordial de conhecimento imediato, graças às impressões dos sentidos e à percepção. Mas, é possível também um conhecimento imediato "não sensível", de natureza espiritual, cujo conhecimento do objeto não depende da experiência imediata dos sentidos. Por exemplo, quando se diferencia um objeto do outro, porque se sabe distingui-los na forma em que se apresentam, não há contribuição dos sentidos, mas do espírito somente; é a intuição formal. Mas, através da intuição busca-se também a realidade íntima e essencial dos objetos [4, 5]. Esta intuição foi ainda valorizada na Filosofia contemporânea que se voltou para a busca do conhecimento da essência do fenômeno, abstração feita da sua aparência, apreendida pelo sensível.

O estudo do fenômeno afeito à matéria surgiu no século XVI com Francis Bacon, iniciando a Idade Moderna ao dar ênfase à necessidade de se prestigiar a técnica, a experiência, a observação dos fatos, em oposição ao pensamento da Idade Média, de que a razão, capacidade intelectual para o conhecimento verdadeiro, deveria estar subordinada à fé. Desta semente brotaram como frutos o empirismo e os métodos das ciências em geral. Na sua evolução, através de um século e meio, o conhecimento passou a ser a vivência do sujeito, com abstração do objeto fora dele, daí a denominação de psicologismo. Todo conhecimento derivaria, pois, da experiência dos sentidos.

O empirismo levou à Revolução Industrial na Inglaterra, no século XVIII, e ao *cientificismo*, à idéia de que a ciência é o único conhecimento possível e o método das ciências da natureza o único válido. Essa concepção desembocou no século XIX no *positivismo*, na França, que, por sua vez, supervalorizou o papel da razão, ao buscar

através de modelos matemáticos de inter-relação dos fenômenos, considerando-os regidos por leis invariáveis. Estendendo as suas concepções aos fenômenos humanos, torna-os deterministas, ausentes de liberdade [2, p. 139].

Uma nova abordagem dos fenômenos surgiu no século XX com Husserl¹. “A experiência nos oferece continuamente *dados de fato* com os quais nos vemos às voltas na vida cotidiana e dos quais também se ocupa a ciência. Um fato é o que acontece *aqui e agora*: é algo *contingente*, podendo ser ou não ser. Mas quando um *fato* (este som, esta cor, etc.) se nos apresenta à consciência, juntamente com o fato captamos uma essência” [3, p. 559]. Todos os instrumentos musicais que ouvimos soar têm a mesma essência, a de emitir um som. Podemos ouvir uma peça musical sob diversas interpretações, mas, na essência, trata-se da mesma peça musical.

Husserl distingue intuição de um dado de fato e intuição de uma essência. Assim, podemos vivenciar fatos de acordo com a nossa sensibilidade e, ao mesmo tempo, intuir a essência de cada um e fazer dele uma idéia própria. A partir das essências particulares podem-se estabelecer semelhanças e delas ter uma essência de um modo típico do aparecer de um fenômeno, e mesmo daí deduzir a sua lei. “E o conhecimento das essências não é conhecimento mediato, obtido através da abstração ou da comparação de vários fatos, como se repetem: *para comparar vários fatos, é preciso já ter captado uma essência, isto é, um aspecto pelo qual eles são semelhantes*. O conhecimento das essências é *intuição*. É a ela que Husserl chama de *intuição eidética*² ou intuição da essência. Trata-se de conhecimento distinto do conhecimento do fato. Os fatos particulares são em si casos de essências eidéticas” [3, p.560].

Desse modo pode-se falar em *ciência de essências* quando o sujeito se coloca diante dos fenômenos ao realizar experiências e busca descrever os modos típicos como eles se dão, e dos dados de fato intuir os universais, mesmo porque as essências são *invariáveis*. Focalizar a essência somente, sem preocupação com os dados empíricos que envolvem o fenômeno, ou com pressupostos do sujeito, Husserl chamou de *redução eidética*.

A redução fenomenológica é, pois, um método de conhecimento, cujo fundamento Husserl pretendeu opor ao de Aristóteles (através das dez categorias) e ao de Descartes (através da clareza e da distinção). O objeto aparece ao sujeito, que o percebe não somente como ele aparece, mas como ele se manifesta à sua consciência, do qual ele tem uma vivência pessoal: ele percebe, julga, imagina, recorda. É assim que os atos da consciência são intencionais e para o conhecimento não se pode

¹ Edmund Husserl (1859-1938), fundador da fenomenologia, uma das correntes de pensamento que teve maior difusão em nossa época [3].

² *Eídos e Idéia (grego)* – Inicialmente, na linguagem comum dos gregos, significa o aspecto exterior e visível de uma coisa: a forma de um corpo, a fisionomia de uma pessoa. A seguir, na linguagem filosófica (com Platão), passa a significar a forma imaterial de uma coisa, a forma conhecida apenas pelo intelecto ou pelo espírito, a idéia ou a essência puramente inteligível de uma coisa. Significa também a forma própria de uma coisa que a distingue de todas as outras, seus caracteres próprios. (...) Com Platão, *idéa* passa a significar: princípio geral de classificação dos seres, forma ideal concebida pelo pensamento. Com Aristóteles, *idéa* significa conceito abstrato diferente das coisas concretas. (...) A idéia é a realidade verdadeira que o pensamento vê (M. Chauí, Introdução à história da filosofia, Ed. Cia. das Letras, 2002, p. 499).

prescindir da *intencionalidade da consciência*, uma vez que ela é sempre “consciência de algo”. É um conhecimento que se opõe também ao método transcendental de Kant, uma volta às coisas, na busca do “em si”.

A redução fenomenológica é aplicada com rigor de modo a tornar a fenomenologia uma ciência rigorosa, uma “volta às coisas”, com dados indubitáveis encontrados, dos quais resulta uma concepção filosófica consistente. É a época³. O estudioso em um estado de disponibilidade, de consciência aberta ao fenômeno, sem preconceitos ou preferências, procura descrevê-lo tal como se oferece à sua intuição. “*Fenomenologia*”, escreve Husserl, “quer dizer, por conseguinte, a teoria das vivências em geral, encerrados nelas, de todos os dados, não só reais, mas também intencionais, que possam nelas se mostrar com evidência. A fenomenologia *pura* é, desse modo, a teoria dos fenômenos puros, dos fenômenos da *consciência pura*, de um *eu puro*, não se situando no terreno da natureza física e animal ou psicofísica...” [5, apud 4, p. 11].

Voltando os nossos olhos para a Doutrina Espírita, constatamos que Kardec estava à frente do seu tempo. Publicou o *Livro dos Espíritos* em 1957 e o *Livro dos Médiuns* em 1861, enquanto Husserl publicou *Idéias por uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica* em 1913. O método adotado para estabelecer os conceitos básicos da Doutrina, sem sombra de dúvida, foram de consciência intencional e pura, a redução fenomenológica e a época aplicada aos fatos particulares, dos quais deduziu conceitos universais.

Assistindo a sessões mediúnicas Kardec escreve em Obras Póstumas, no capítulo *A minha iniciação no espiritismo*: “longe estava eu de firmar as minhas idéias, mas ali se deparava um fato, que devia ter uma causa. Entrevi oculto naquelas futilidades aparentes, e entre aqueles fenômenos, de que se fazia um passatempo, algo de muito sério, talvez a revelação de uma nova lei, que fiz o propósito de descobrir”. Advoga para a Doutrina Espírita o estudo dos fenômenos espíritas, pois “os fenômenos nos quais o elemento espiritual tem parte preponderante, não podendo ser explicados unicamente pelas leis da matéria, escapam às investigações da ciência” [A Gênese, cap.XIV). Empreende assim o estudo dos fenômenos espíritas construindo a filosofia e a ciência espíritas, detalhadas nas obras da Codificação Espírita.

Alguns pontos da Codificação podem ser apontados. Tendo estudado durante muitos anos o magnetismo, encontra nele o fundamento para a explicação da existência do corpo perispiritual, corpo energético, ou *perispírito*, elemento de ligação entre o espírito e o corpo físico, o princípio da mediunidade.

Kardec suspendeu o próprio juízo, ao observar todos os fenômenos mediúnicos e relata em O Livro dos Médiuns, no capítulo III sobre as Manifestações Inteligentes, item 69: “repetidos à vontade por milhares de pessoas, em todos os países, esses fatos não podiam deixar dúvidas sobre a natureza inteligente das manifestações (na sua essência)”. No capítulo I *Existem Espíritos* admitiu a existência da alma e da sua

³ *Épokhé* (grego) – *suspensão, suspensão do juízo*. Num sentido primário, a *epokhé* filosófica não significa mais que o fato de que suspendemos o juízo acerca do conteúdo doutrinal de toda filosofia determinada e realizamos todas as nossas comprovações dentro do quadro dessa suspensão. (...) A *epokhé* fenomenológica não é comparável nem com a dúvida cartesiana nem com a suspensão céptica do juízo, nem com a negação da realidade por alguns sofistas, nem com a abstenção de explicações defendida, em nome de uma atitude livre de teorias e pressupostos metafísicos, pelo positivismo de Comte [1, p. 217].

individualidade após a morte, que a sua natureza é diferente da corpórea, e que possui consciência própria atribuída a ela a capacidade de ser feliz ou sofredora.

De toda uma gama de Espíritos manifestados, observa-lhes o modo como se manifestam, julga-os segundo a essência das suas comunicações, e classifica-os pelas semelhanças, propondo a *escala hierárquica dos Espíritos* em O Livro dos Espíritos no item 100 do Capítulo II, *Mundo espírita ou dos Espíritos*; como ele mesmo escreve, essa escala é a chave da Ciência espírita, a da compreensão das comunicações, suas dificuldades, irregularidades e anomalias. É com base também nessas observações que ele apresenta os conceitos da nova doutrina sobre *céu e inferno*, deduzidos à luz da misericórdia divina, uma revolução no pensamento até então vigente.

Para finalizar, é de perfeita coerência o pensamento de REALE com a codificação espírita: "A orientação fenomenológica, além de implicar um processo analítico de grande alcance, apresenta um alto e inestimável mérito que é, de certa maneira, a revalorização do *particular*, como matéria de cogitação científica. Aristóteles dissera, em determinado sentido, que não existe ciência a não ser do geral; o método fenomenológico restitui dignidade àquilo que é particular e específico, quando visto em sua *essência*, como via de revelação universal" [4, p. 119].

REFERÊNCIAS

- 1 FERRATER MORA, J. Dicionário de filosofia, Ed. Martins Fontes, 3ª. ed., 1998, 733 p., p. 119.
- 2 ARANHA, M. L. A. , MARTINS, M. H. P. Filosofando – Introdução à filosofia, Ed. Moderna, 3ª. ed., 2003, 439 p., A filosofia do século XIX, p. 139.
- 3 REALE, G., ANTISERI, D. História da filosofia, Ed. Paulus, 5ª. ed., 1991, 3v., vol. 3: Do romantismo até os nossos dias.
- 4 REALE, M. Introdução à filosofia, Ed. Saraiva, 4ª. ed., 2002, 306p.
- 5 HUSSERL, E. Investigaciones lógicas (1929), apud ref. 4, nota de rodapé, p. 116.
- 6 Kardec, A. Obras Póstumas, 2ª. Parte: A minha iniciação no espiritismo, Ed. LAKE, 8ª. ed.